

**“O ANO EM QUE ZUMBI TOMOU O RIO”:  
ELIMITAÇÕES INDEFINIDAS NO ESPAÇO FICCIONAL DE  
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**

*Nathally Regina Monteiro (UFF)*  
[nathallyregina@hotmail.com](mailto:nathallyregina@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente estudo pretende a compreensão do projeto literário de José Eduardo Agualusa para a obra *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002) a partir da análise dos mecanismos metaficcionais e intertextuais utilizados pelo autor angolano. Discutir-se-á a construção ficcional de Agualusa baseada na interpretação e recuperação de acontecimentos históricos para composição de um cenário pós-colonial representativo marcado pela herança colonialista no Brasil e em Angola. Para tanto, discorrer-se-á acerca das características e estratégicas desse espaço ficcional alicerçado numa intertextualidade intrínseca ao seu próprio universo literário, no qual a representação histórica subversiva do passado e do presente evidenciada especificamente na obra em questão, reforça as marcas de dominação e evidencia as consequências da atroz experiência da colonização. As obras de Agualusa revelam a sociedade angolana sob uma perspectiva de ficção narrativa multicultural e, nesse ensejo, a pesquisa enfoca a influência das consequências das lutas pela independência nas narrativas, as características gerais da literatura pós-colonial angolana somadas ao olhar singular do autor sobre a magnitude do hibridismo cultural.

**Palavras-chave:**

Hibridismo. Multiculturalismo. Pacto ficcional.

**ABSTRACT**

The present study intends to understand the literary project of José Eduardo Agualusa for the work *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002) from the analysis of the metafictional and intertextual mechanisms used by the Angolan author. We will discuss the fictional construction of Agualusa based on the interpretation and recovery of historical events for the composition of a representative post-colonial scenario marked by colonialist heritage in Brazil and Angola. To do so, we will discuss the characteristics and strategies of this fictional space based on an intertextuality intrinsic to its own literary universe, in which the subversive historical representation of the past and the present evidenced specifically in the work in question, reinforces the marks of domination and highlights the consequences of the atrocious experience of colonization. Agualusa's works reveal Angolan society from a perspective of multicultural narrative fiction and, in this opportunity, the research focuses on the influence of the consequences of the struggles for independence in the narratives, the general characteristics of Angolan post-colonial literature added to the author's unique look on the magnitude of cultural hybridism.

**Keywords:**

Hybridity. Multiculturalism. Fictional pact.

## **1. Introdução**

A busca pelos acontecimentos históricos perdidos em um passado distante, ao que parece, fascina-nos e aturde-nos tanto quanto a inquietação pelas indefinições futuras. Desvelar quais ocorrências ou acasos nos conduziram ao modelo social de que partilhamos no presente, sobretudo, nos conduz a um reexame de convicções e condutas que sempre pareceram naturais. A descoberta de outrora, mesmo que de forma fragmentada, ajuda-nos na compreensão das práticas e paradigmas sociais a que somos impelidos maquinal e inquestionavelmente. Fomos levados a esquecer ou redefinir nossa trajetória pregressa, de modo que toda desigualdade e violência características do processo de colonização sofridas por países como Angola e Brasil e quase que legitimadas na contemporaneidade, pas-sam a pertencer intrinsecamente ao coletivo. Algo socialmente genuíno, cuja gênese não é discutível; algo apenas admitido. Segundo Chaves (1999),

Hoje, podemos afirmar que a força danosa do colonialismo floresceu de maneiras variadas nas terras em que aportaram seus agentes. Os matizes, porém, não abalam uma certeza: por todos os cantos se pode ainda detectar o travo amargo da fruta mal plantada. Em Angola, terra escolhida para o estudo de alguns problemas, também fincou-se a bandeira lusitana, e ali se podem observar as linhas cruzadas de dois mundos originalmente tão distintos. (CHAVES, 1999, p.18)

Por certo, eventos remotos jamais serão plenamente recuperáveis pela História e ciências afins, o que não torna o produto destes menos nocivo, perverso e nitidamente perceptível na atualidade. As colonizações exploratórias de Angola e Brasil provocaram efeitos devastadores na organização e desenvolvimento social desses países, os quais, por algum motivo, decidiram manter o modelo segregador, discriminatório e hediondo praticado pelos colonizadores. Tais fatos que remontam o passado e refletem no presente não podem ser refutados ou esquecidos como se os episódios longínquos que os tornaram observáveis fossem apenas conjecturas. Consoante Araújo e Santos (2007),

Narrativas históricas que presidem a organização de arquivos, coleções e museus nos lembram daquilo que é passado, ou seja, daquilo que não está mais presente entre nós. Ainda assim, elas não proporcionam a revelação de uma verdade absoluta; elas nos levam ao processo de constituição das coleções ocorrido a partir de interesses conflitantes. (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 96)

De fato, é imprescindível que o passado seja analisado e compreendido e há inúmeras formas de se refletir acerca do que fomos e somos

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

historicamente. Baseados nos acontecimentos históricos reais com os quais a História, a Antropologia, a Sociologia, entre outras áreas do conhecimento se comprometem, a Literatura pretende um outro viés evidenciativo: uma análise interpretativa do contexto histórico. À luz de Braúna, a Literatura configura-se como “uma escrita *de mentira* que muito tem inquietado os que escrevem em busca de uma *verdade*”, “uma inquietação que, não obstante, “pode ajudar a pensar” o modo como escrevemos (e assim lidamos com) nossos mortos – esses mortos até certo tempo atrás propriedade exclusiva da história” (2015, p. 14). Dessa forma, os processos interpretativos pelos quais a Literatura se subsidia são fatos, isto é, representações de eventos históricos. Os fatos são o substrato da Literatura, a qual não se obriga à transmissão da realidade como outras áreas supracitadas, mas a representa sobre vários aspectos, reordenando acontecimentos reconhecíveis. Portanto, ao pensar a Literatura, Braúna (2015) coloca-a enquanto “a assombração da história”.

O fato é a textualização do evento histórico, visto que o decurso interpretativo e a escolha narrativa facultados ao autor permitirão versões da realidade que servirão ao propósito perscrutador ambicionado por ele. Acreditamos que este seja o escopo principal do universo literário de José Eduardo Agualusa, mais precisamente analisado em “O dia em que Zumbi tomou o Rio” (2002): refletir sobre a realidade e o legado pós-colonial de Angola e Brasil a partir das bases coloniais em que cada país se estruturou sem, no entanto, se comprometer com uma composição mimética da História.

O impacto da colonização portuguesa e das guerras pela independência constroem o tom crítico e analítico de seu texto. Agualusa ressignifica o passado de violência e submissão vivido por Angola, traça um paralelo com a história colonial brasileira e resgata os traumas das guerras por emancipação para interpretar a sociedade atual. Em “O ano em que Zumbi tomou o Rio” (2002), Agualusa mostra uma reflexão sobre a sociedade carioca do Rio de Janeiro questionando a marginalidade e o racismo estrutural sob várias superfícies.

Esse livro é uma antiga ideia minha. Já há muito tempo que queria escrevê-lo. É de alguma forma uma atualização do mito de Zumbi de Palmares, um negro de origem angolana, que no século XVII governou durante muitos anos uma república de homens fugidos à escravidão. [...] (AGUALUSA, 2002, [n.p.])

O autor, apesar de amplamente ligado às questões histórico-sociais angolanas, rejeita a ideia de nacionalismo literário e refuta as

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

fronteiras institucionalizadas que não permitem que as culturas se entrecruzem. “Antes de ser cidadão angolano, sou cidadão do mundo e tenho o direito de escrever sobre o mundo inteiro” (AGUALUSA, 2011, [n.p.]). Agualusa produz literatura representativa de diferentes realidades culturais e exibe a diversidade em seus personagens de forma natural, valorizando a multiplicidade de culturas e não de nações. A diversidade de personagens e narrativas criadas por ele mostra-se tão enredada e múltipla que seu universo literário representa uma grande interação de histórias familiares que dialogam e se complementam e de personagens que reaparecem em obras distintas como a revelar suas diversas faces. A intertextualidade tão bem manipulada pelo autor segue uma lógica inerente à sua própria criação. Ao interligar personagens que representam a história de Angola, Portugal e Brasil, o autor promove o multiculturalismo e discute a influência da miscigenação na formação das nações colonizadas pelos europeus.

#### **2. O cenário literário angolano**

O primeiro contato dos angolanos com portugueses em território africano data do século XV, início de um longo período de dominação marcado por violência, miséria, opressão e exploração. A colonização europeia representou a imposição e subjugação violenta de valores, da moralidade e da cultura dos nativos colonizados (BHABHA, 2012, p.168) e perduraria até o século XX. Angola conquistaria sua independência apenas em 11 de novembro de 1975.

Reside na força da ambivalência dar ao estereótipo colonial sua atual forma de ser: assegura sua repetição ao mudar as conjunturas históricas e discursivas; informa suas estratégias de individualismo e marginalização; produz este efeito de verdade provável e de praticabilidade que, no caso do estereótipo, deve aparecer sempre em excesso, mais do que ser provado empiricamente ou construído logicamente. (BHABHA, 2012, p. 179)

Homi Bhabha (2012) sugere que o discurso colonial valida-se na segregação racial e na inferiorização cultural para garantir que o estereótipo eurocêntrico do colonizador fosse concebido tal como o padrão pertinente, subjugando e dividindo povos. Nos primeiros séculos de ocupação territorial, havia, de fato, tratados comerciais estabelecidos entre autóctones e portugueses, visto que estes não dominavam as rotas de comercialização utilizadas pelos bantus e precisavam de sua colaboração. No entanto, com o gradativo controle dos acordos comerciais e das relações de trabalho, no século XIX, efetivamente, os portugueses domina-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ram o território africano instituindo uma política de subordinação e escravização.

A partir de 1930, há uma maior conscientização da sociedade, influenciada pelos movimentos negros internacionais de valorização da cultura, luta pela emancipação e/ou equiparação de direitos. Na década de 1950, grupos revolucionários armados formaram-se para o combate direto à dependência de Portugal. O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola Populações do norte da Angola (UNITA) são exemplos de grupos organizados pela conquista da independência em 1975.

Após a declaração de independência, estes grupos armados não chegaram a um consenso quanto ao sistema político-social que organizaria Angola como nação soberana. Desse modo, o país entrou em uma guerra civil no mesmo ano. Após o período de guerra, o MPLA manteve-se no poder sob um regime autoritário de perseguição política aos opositores e controlando as resoluções eleitorais. Mesmo com acordos de paz assinados em 1992 e, posteriormente em 1994, o fim dos conflitos deu-se de forma muito lenta e violenta, persistindo por vinte e sete anos (VERSTEEGH, 2012, p. 15-16).

Todo o cenário político desde a colonização portuguesa influenciou fortemente a estruturação da literatura em Angola, que antes dela, baseava-se essencialmente no legado oral. Conforme Leite (1998), a tradição oral representa uma peculiaridade africana literária e sustenta importância incalculável para a manutenção cultural.

O reconhecimento e ideia aceita de que a literatura africana moderna nasce a partir da introdução da escrita em África pelos europeus levou a uma curiosa dicotomia no discurso crítico: a escrita é europeia, a oralidade é africana. E aquilo que é um fenômeno acidental passa a ser encarado como um fenômeno essencial. Ou seja, a "natureza" cultural africana é oral; são os europeus que vieram perturbar este estado "natural" e adâmico. (LEITE, 1998, p. 15)

Dessa forma, a literatura angolana torna-se um produto cultural híbrido pela influência da escrita do colonizador a partir do século XIX. Produzida pela burguesia colonial luandense, esses textos baseavam-se no que era produzido pela metrópole, consoante os moldes europeus.

Somente na década de 1950, a poesia começa um movimento de rompimento com o colonialismo. A literatura produzida em Angola no período em questão foi marcada pelos cantos de combate e pela afirmação da nacionalidade, como enfatizam Macêdo e Chaves (2007, p. 43).

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Para as autoras, a ligação estreita entre a literatura e o processo histórico não dilui a questão estética.

Muito mais do que constituir uma literatura deliberadamente nacional, os autores da época buscavam construir a identidade de uma nação que ansiava pela independência e idealizava um projeto único de polarização social. A literatura angolana definitivamente servia a propósitos políticos bem delineados. De acordo com Chaves (1999),

Da resistência como sentido essencial na maneira de estar no mundo decorreria a luta pela construção da identidade nacional, que não pode prescindir de qualquer recurso. Das letras às armas [...] tudo será utilizado para legitimar a ideia de um país que eles, na verdade, ainda não tinham podido criar. A nação angolana, imaginada como seria pela literatura, resulta, pois, da urgência de se contrapor algo ao projeto colonialista. (CHAVES, 1999, p.21)

A utopia de uma identidade única angolana desfaz-se após a libertação de Angola do domínio português em 1975. Previamente à emancipação, as perspectivas de liberdade direcionavam a idealização de um projeto político que atendesse às necessidades do povo angolano de forma geral, contudo, após finda a subordinação à metrópole, o que representava a certeza torna-se o limbo do futuro de uma nação recém-autônoma cuja preeminente evidência é a ausência da unicidade tão almejada.

Não havia possibilidade de rescindir os vínculos com a metrópole e julgar que toda a interferência cultural e social a que fora submetida a sociedade angolana durante séculos também sucumbiria. As fronteiras entre colonizador e colonizado já haviam se perdido e cada qual já não compreendiam seus papéis sociais dissociadamente. Destaca Gehlen (2013) que

Depois de décadas sob o jugo colonial, o próprio sujeito precisa reconhecer e legitimar a si próprio. Alijado por muito tempo da liberdade e dignidade essenciais à constituição identitária autônoma, o sujeito localizado na transição do regime colonial para o status de independente se vê em ferrenha luta com seus iguais, e sob a influência de novos impérios econômicos e suas também novas formas de colonização, agora não mais pelo território, mas pela cultura e economia, sobretudo. (GEHLEN, 2013, p. 106)

Esse descrédito facultado à expressiva pluralidade social angolana provocou desestabilização política, econômica e cultural e a prenunciada utopia de nação pós-colonial livre transfigurou-se num violento conflito pelo domínio do poder marcado pela corrupção e segregação social. A

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

miséria, a violência, a opressão presentes em todo período colonial figuram um neocolonialismo orquestrado pelo próprio angolano.

No pós-colonialismo, a literatura exerce papel de mediação socio-cultural entre as repercussões do passado, o projeto frustrado do presente e as pretensões para o futuro do país. Os novos conceitos literários priorizados após a emancipação vêm da ruptura com as normas do período colonial, da insatisfação com a política de segregação instaurada e, principalmente, da compreensão do hibridismo que caracterizava Angola.

O escritor José Eduardo Agualusa entende o processo de hibridização cultural como fundamental para a compreensão da formação da sociedade e julgamentos mais equilibrados e harmonizados em relação às necessidades e particularidades dessa pluralidade que caracteriza a nação. Para Leite (1998, p.34), o autor angolano assume o papel de testemunha e ator do processo histórico de seu país estabelecendo a tangível identidade angolana por meio da inconstância das suas experiências.

### **3. José Eduardo Agualusa: um universo literário em construção**

José Eduardo Agualusa é um dos mais importantes escritores angolanos em língua portuguesa. Nasceu na cidade de Huambo, em Angola, em 1960, cursou Silvicultura e Agronomia em Lisboa, Portugal; no entanto, escolheu, por fim, dedicar-se à carreira jornalística e literária, iniciando seus trabalhos com a publicação de artigos em revistas e jornais (VERSTEEGH, 2012, p. 5).

Em 1989, Agualusa inicia seu projeto literário com a publicação do romance *A Conjurae*, a partir de então, passa a desenvolver uma literatura que transcende fronteiras entre história e ficção e revela o multiculturalismo em que nós, “cidadãos do mundo”, nos inserimos. Sua estreita relação e notável fascínio pelos estudos multiculturais vêm de sua origem igualmente diversificada luso-brasileira. O escritor angolano também já viveu no Brasil, na Alemanha, onde inclusive desenvolveu o romance analisado neste trabalho, e transitou por muitos locais que ampliaram sua obstinada deferência pelo heterogêneo.

Conforme Mata (2016, p.136), uma característica geral das obras de Agualusa configura-se na busca por novas identidades projetadas pelo ocidente. Memória e história dão o tom da narrativa que dialoga com a realidade e o fictício. O passado e o presente agem interligados na trama. Sua obra mostra a relação direta entre os movimentos históricos de An-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

gola como a independência, a guerra civil e o pós-guerra e a sociedade distópica instituída a partir dos eventos catastróficos promovidos primeiramente, em prol da liberdade e, posteriormente, pela construção de um projeto nacional unificado. Para além, como em “O ano em que Zumbi tomou o Rio” (2002), o autor desloca fronteiras e discute o colonialismo e suas consequências dentro e fora de Angola, contudo, mantendo conexões convenientes ao propósito de seu projeto literário híbrido.

Granja (2009, p. 31) afirma que José Eduardo Agualusa não se afeiçoa a conceitos ou referências que delimitem nações e culturas e considera-se um “anacionalista” por entender que o ufanismo vem acompanhado do ódio ao diverso. O autor defende a deslegitimação de um projeto que pese sob o signo da unicidade.

Francisco diz a Ernesto que mudou de ideias. Quer ficar ali mesmo, na Cinelândia; desce do carro, caminha uns minutos, às voltas, sem rumo, e depois senta-se numa esplanada. São doze e trinta minutos. Pede um filé com batatas fritas, uma cerveja bem gelada, e vai comendo, devagar, distraído, enquanto vê o Brasil a desfilar à sua frente. Um velho decrépito, pálido como espectro, todo vestido de branco, exceto a gravata de um vermelho elétrico. Um índio, certamente de sangue latino, tronco nu, bermudas e chinelos. Uma loura bonita, de longas pernas, alta e firme bunda africana. Uma mulata de comprida cabelo lisa. Um homem sombrio, pequeno e magro, de cabeça chata e cabelo agastado. Dois japoneses, talvez paulistanos, de mala diplomática, riso fácil. Um moleque com uma caixa de graxa a tiracolo, rosto vermelho que passa por ele a cantar o hino brasileiro. Um libanês de olhar desconfiado. Caboclos. Mamelucos. Cafuzos. Sararás. (AGUALUSA, 2002, p. 204-5)

José Eduardo Agualusa explora constantemente a identidade híbrida de nações descolonizadas evidenciando aspectos multiculturais formadores de sua própria identidade e da de seus personagens. Consoante Stuart Hall, “a distinção de nossa cultura é manifestamente o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus” (2003, p. 31).

Ambos os autores supracitados defendem o hibridismo cultural como coexistência de comportamentos, costumes, hábitos e tradições que se associam em decorrência de questões históricas e sociais. A ligação do homem com sua pátria envolve o reconhecimento dos inúmeros processos existenciais pelos quais fora forjada sua diversidade. Como afirma Hall,

A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de pertencimento cultural, mas abarcar os processos mais amplos o

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

jogo da semelhança e da diferença que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da diáspora, que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna. (HALL, 2003, p. 47)

A tempo, ressalta-se que Agualusa executa um projeto literário relacionado às questões históricas, entretanto, seu discurso não está comprometido com a realidade de tais acontecimentos. Sua narrativa ficcional baseia-se em um ponto de vista dentre tantos que poderiam explicar as experiências coloniais e pós-coloniais. O comprometimento de Agualusa compreende a interpretação dos fatos sob a ótica pessoal de um ser social determinado por suas interações sociais, pois não há narrativa pessoal que esteja dissociada da vivência coletiva.

Conforme Iser Wolfgang (2013, p. 4) o fictício é intencional, pois parte de um ponto de direção com um objetivo específico, já o imaginário é espontâneo, pois só é identificado por suas manifestações no leitor. Nas obras de Agualusa, fictício e imaginário reconstróem seletivamente palcos históricos e recriam personagens peculiares, visto que a intenção do autor foge a uma recomposição autêntica do passado e reforça o papel da literatura de “manter viva a memória do que não se pode repetir” (ARAÚJO, SANTOS, 2007, p. 101).

Esse espaço ficcional de representação elaborado pelo escritor angolano permanece em constante construção, dado que se apoia num passado ainda muito perceptível em determinações características da sociedade contemporânea. O projeto literário de José Eduardo Agualusa coloca-se à disposição da temporalidade e da coexistência histórica conflituosa. Percebe-se fundamental para a percepção do presente, a recomposição do passado colonial marcado pela dominação; no entanto, a articulação de diferenças culturais propiciada por esse encontro entre opressor e oprimido acontece num espaço de encontro, num terceiro lugar. O escritor, isto posto, cria um espaço que permite novas identificações e redefinições que permitem, de fato, ressignificações de sentidos e possibilidades de intervenções. Como propõe Bhabha (2010),

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia de viver”. (BHABHA, 2010, p. 27)

O entre-lugar proposto por Agualusa manifesta-se pela viabilidade de harmonização entre culturas diferentes que ora se conectam ora se dis-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tanciam, todavia se articulam pela possibilidade da inexistência de uma verdade absoluta naturalizada pelo discurso histórico. Esse espaço admite a história que o autor quer representar. O fato de não conseguirmos estabelecer um traçado linear torna o texto extremamente estratégico, pois as relações de poder são reconfiguradas e tempos e espaços entrecruzam-se propiciando um desarranjo do discurso totalizador e uma interpretação plural dos eventos históricos e suas consequências. A subversão da narrativa histórica representa estratégia de deslocamento das novas configurações ligadas à assimetria do mundo contemporâneo.

Mais uma vez, é o desejo de reconhecimento, “de outro lugar e de outra coisa”, que leva a experiência da história *além* da hipótese instrumental. Mais uma vez, é o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da existência. E, uma última vez, há um retorno à encenação da identidade como iteração, a recriação do eu no mundo da viagem, o restabelecimento da comunidade fronteiriça da migração. (BHABHA, 2010, p. 29)

Pode-se entender o universo literário de José Eduardo Agualusa como espaço de mediação em que se favorece uma reorganização do conhecimento de mundo e a reordenação de fatos reconhecíveis. O escritor angolano concentra-se em adaptações da história estrategicamente deslocadas neste entre-lugar particular estruturado na intertextualidade extratextual e autorreferencial. A adaptação elaborada por ele reconta a história sob um prisma singular, o que permite uma interpretação declaradamente específica, mas que não se afasta da identificação e do reconhecimento do leitor que distingue elementos de referência do mundo real, ao passo que também nota uma conexão intrínseca ao próprio projeto literário agualusiano.

Linda Hutcheon, em *Uma teoria da adaptação* (2013), conclui que “para o leitor, espectador ou ouvinte, a adaptação é inevitavelmente um tipo de intertextualidade se o receptor estiver familiarizado com o texto adaptado” (p. 45). O universo ficcional criado pelo autor é revisitado inúmeras vezes em obras distintas e compõe um repertório de acontecimentos, relatos e personagens que se conectam em ocasiões fictícias contextualizadas por um discurso histórico amplamente subvertido.

A teórica afirma ainda que a fidelidade da adaptação não representa qualquer critério de avaliação sobre o texto adaptado, posto que adaptar implica tanto em (re)interpretação quanto em (re)criação, além de que “as histórias não são imutáveis; ao contrário, elas também evoluem por meio da adaptação ao longo dos anos” (HUTCHEON, 2013, p. 54). O projeto metaficcional de Agualusa, portanto, visto como uma adapta-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ção do discurso histórico, pretende preservar a memória de uma sociedade alicerçada pelo multiculturalismo engendrado pela colonização e questionar os efeitos do colonialismo de exploração e da emancipação sem que houvesse uma proposta político-social que pensasse as necessidades de uma nação culturalmente diversificada.

A adaptação é repetição, porém repetição sem replicação. E há claramente várias intenções possíveis por trás do ato de adaptar: o desejo de consumir e apagar a lembrança do texto adaptado, ou de questioná-lo, é um motivo tão comum quanto a vontade de prestar homenagem, copiando-o. (HUTCHEON, 2013, p. 28)

O escritor reconstitui a história de Angola adaptando cenários, subvertendo figuras históricas, dando voz a personagens excêntricos e, principalmente, redefinindo as fronteiras culturais que delineiam uma sociedade irreal, uma vez que a nação angolana factual irrompe da ruptura de limiares que gerem a segregação.

#### **4. “O dia em que Zumbi tomou o Rio”: um projeto de delimitações indefinidas**

O livro “O ano em que Zumbi tomou o Rio” (2002) tem uma importância peculiar na caracterização literária das obras de Agualusa por sua hibridez estilística e narrativa. A história passa-se no Rio de Janeiro, Brasil, entretanto, traz a história de luta pela independência angolana e suas consequências políticas e sociais para a trama revelando semelhanças estruturais entre as duas nações orquestradas pelas bases coloniais tão presentes ainda na atualidade.

José Eduardo Agualusa escreveu esta obra durante o tempo em que viveu na Alemanha e a publicou em 2002. Segundo o próprio autor, a ideia para sua produção ocorreu após a leitura de uma notícia de jornal sobre a participação de angolanos no crime organizado do Rio de Janeiro. A história passa-se entre os bairros nobres da capital (espaços reais da cidade) e a comunidade que os cerca, o Morro da Barriga (espaço fictício que representa as comunidades cariocas). O início da narrativa, na verdade, configura um avanço no relato que ilustra já o momento de confronto entre o helicóptero de policiais e traficantes que o abatem durante a guerra proclamada.

Um ex-coronel do governo angolano estabelece-seno Brasil após os eventos de 1992, as eleições em Angola, e descobre que pode ganhar muito dinheiro com a venda de armas para os traficantes cariocas. De fa-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

to, Francisco Palmares acaba por financiar uma guerra civil entre o governo e a população periférica em busca de igualdade social. Como ele mesmo argumenta: “na verdade, estou a dar a esta gente os instrumentos para que se revoltem, para que organizem uma revolução” (AGUALUSA, 2002, p. 39).

Seu amigo, o jornalista angolano Euclides Matoso da Câmara, vítima também das barbáries ocorridas em 1992, após ser dado como morto, reaparece em terras brasileiras e retoma contato com Francisco. Embora discorde do ofício do ex-oficial e assuma uma postura crítica acerca dos acontecimentos, de certa forma promovidos pelo colega, Euclides assiste ao caos de modo contíguo.

Agualusa afirma que a obra, “na prática é a história de uma subversão das populações das favelas vista pelo olhar de dois angolanos, o ex-coronel da segurança de estado e um jornalista (AGUALUSA, 2002, n.p.), porém, faz-se importante perceber que o ponto de vista do narrador observador onisciente da ficção e das personagens confunde-se com o do próprio autor. Essa constatação reforça-se nas memórias ratificadas pelos eventos históricos narrados.

O jornalista Euclides representa a conexão entre os vários eixos em que a obra se desdobra. A amizade dele com Anastácia Hadock Lobo, artista plástica de família nobre, aproxima-o ainda mais da realidade da população negra que habita as favelas cariocas, visto que a personagem solitária acaba por manter uma relação amorosa com Jararaca, o líder dos traficantes do Morro da Barriga e grande incentivador e idealizador do embate civil narrado na obra. Jararaca defende um discurso pró-igualdade e muitas vezes parece refletir teórica e lucidamente acerca do racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Entretanto, a personagem mostra duas faces distintas: um defensor da equidade e também um cruel líder autoritário.

A narrativa é marcada por uma grande quantidade de personagens que aparecem interligados ao Brasil e à Angola mantendo o aspecto múltiplo do contexto criado. Expandem-se as perspectivas do discurso histórico subvertido promovido pelo escritor não só nesta obra, mas em seu universo literário. Conforme Braúna, “temos uma multiplicação de vozes e, com ela e por ela, temos já aí uma exploração das possibilidades de verdade que os registros do passado permitem.” (BRAÚNA, 2015, p. 33). Agualusa revisita suas criações para retomar, por exemplo, a participação do Comandante Monte, personagem outrora apresentado aos leitores.

res.

A representação dos acontecimentos históricos em torno da figura de Zumbi dos Palmares, importante símbolo da luta pelo fim da escravidão no Brasil, associa a tônica da narrativa com a libertação conflituosa de Angola e as circunstâncias que substanciam a desigualdade racial no Brasil. Chaves sustenta que “a cruel desigualdade que remarca a divisão do mundo e vai fazendo ainda maior a distância entre a periferia e os centros de decisão inviabiliza o clima de fraternidade mais adequado às celebrações” (1999, p. 17). As personagens Francisco Palmares e Jararaca seriam faces desse líder negro descaracterizado pelo contexto contemporâneo em que está inserido na obra, personagens que lutam por ideais de liberdade, todavia influenciados pela herança colonialista legada pelos portugueses.

A literatura agualusiana, em todo seu projeto diz respeito à pluralidade e às relações de poder que motivaram problemas comuns às sociedades estabelecidas com base num modelo autoritário e segregador. O escritor relata a ação de movimentos de resistência, expondo também a exclusão social, discriminação e abuso a que uma parcela da sociedade está submetida ainda hoje.

#### ***4.1. A herança colonialista no Brasil e em Angola no espaço ficcional de Agualusa***

O grande objetivo de José Eduardo Agualusa “O ano em que Zumbi tomou o Rio” (2002) é ampliar as reflexões acerca da herança que a colonização deixou para as sociedades brasileira e angolana. O autor traça em meio a narrativa ensaística uma comparação entre as duas nações e concluiu claramente, que, embora o Brasil tenha se tornado independente muito antes de Angola, os problemas sociais de ambos são de veras semelhantes.

Entretanto, há um agravante. Segundo o escritor, “negro e pobre são condições que se confundem no Brasil. Não se criou aqui, como em Angola, uma elite negra” (AGUALUSA, 2004), visto que a nação brasileira fora descolonizada, mas as práticas de depreciação e exploração introduzidas pelos colonizadores continuam sendo aperfeiçoadas no território, contudo, agora, de brasileiro para brasileiro. A escravidão também fora abolida, mas a percepção de uma elite branca supostamente superior à parcela negra da sociedade permanece gritante. Não há divisão de raças

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

na elite brasileira, simplesmente não há espaço para qualquer um que não seja branco. A presença de poucos negros e indígenas compondo o cenário de destaque social brasileiro só os tornam exceções e não reduzem em nada a desigualdade racial presente.

“Sabe qual a diferença entre Angola e o Brasil? Ambos são países independentes, sim, mas ao contrário de Angola o Brasil nunca foi descolonizado. Um príncipe português proclamou a independência do Brasil e desde então os brancos nunca mais abandonaram o poder. Onde estão os negros? Onde estão os índios?” (AGUALUSA, 2002, p. 83)

A sociedade brasileira forjada em bases coloniais discriminatórias ainda negligencia parte dos cidadãos brasileiros e seleciona merecimento. Vive-se um processo de escravidão moderna, no qual o próprio brasileiro gerencia e manipula o sistema em prol de um discurso de intolerância e de estratos sociais baseados em questões étnicas. Agualusa pretende despertar no leitor um olhar crítico sobre os inconvenientes muitíssimo semelhantes gerados pela colonização em duas nações que, apesar disso, se consideram distintas política, econômica, social e culturalmente.

Toda a desigualdade que está intrinsecamente ligada à violência imposta pelas lutas por emancipação nas duas nações que se entrecruzam na narrativa constitui a justificativa para o acontecimento central da obra, uma tentativa deturpada de se conseguir igualdade e dignidade por uma guerra entre asfalto e favela.

O Brasil precisa de uma revolução. A guerra envergonhada, sem glória, que presentemente apenas atinge os pobres e pretos... palavras que aliás, convenhamos, querem dizer a mesma coisa... a guerra tem que descer das favelas e alcançar o asfalto. (AGUALUSA, 2002, p. 42)

Pode-se compreender, portanto, que o projeto literário criado por Agualusa para “O ano em que Zumbi tomou o Rio” (2002) torna-se um espaço de justificativas. As ações iniciam-se a partir de um evento real, as lutas armadas durante as eleições de 1992 em Angola, e desencadeiam outras que não são aleatórias. Os acontecimentos da metaficção composta pelo autor justificam-se historicamente por meio de memórias, de recordações e de falas de personagens que, de alguma forma, associam o discurso histórico de conhecimento coletivo à narrativa particular de cada ente ficcional.

Compõe-se certamente um espaço de ficção, todavia o gênero permeável – conceito estabelecido por Hutcheon (1991)- arquitetado pelo escritor sustenta-se por fatos da história, elementos culturais, composições geográficas detalhadas que recriam uma atmosfera de veracidade e

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

garantem que esse ambiente será reconhecível pelo leitor a partir dessas intervenções factuais. O espelhamento no discurso histórico real abre caminho para a liberdade de criação de seu próprio universo literário que será o mesmo revisitado em muitas outras obras do autor.

A combinação de elementos reais históricos compartilhados com personagens ficcionais integra um cenário pós-colonial próprio da literatura de Agualusa, como quando o autor se utiliza de descrições subjetivas de locais, levando leitor a acreditar na exatidão das informações e quase se perceber caminhando pelas ruas junto às personagens ou compartilhando fatos acontecidos naquele lugar.

O táxi onde segue o jornalista detém-se diante da Igreja da Candelária. Francisco diz a Ernesto que pode regressar a casa, pois faz-se tarde, e sai. A chuva parou. Euclides caminha, distraído, com o livro debaixo do braço. Vai pela Rua da Quitanda, vira à direita na Rua do Ouvidor e arremete depois, saltando sobre as poças de água, por uma série de vielas estreitas e mal iluminadas. O piso, calçado com grossos blocos de pedra, lembra o de certas povoações medievais da Europa. (AGUALUSA, 2002, p. 26)

Os trechos de canções e poesias compostas por autores consagrados de distintas nacionalidades transformam a narrativa num espaço intercultural que, ao mesmo tempo, inspira a tangível existência dos eventos relatados e se comunicam culturais plurais, evidenciando o potencial de sua literatura.

“Caía a tarde feito um viaduto.”/Sempre lhe ocorriam versos nas situações difíceis./ “E um bêbado trajando luto/ Me lembrou Carlitos./ A lua, tal qual a dona de um bordel,/ Pedia a cada estrela fria/ Um brilho de alugel.” (AGUALUSA, 2002, p. 20)

A inserção de personagens e figuras históricas e/ou contemporâneas subvertidas também colaboram para o elo entre ficção e realidade tão bem produzido pelo autor. As características que precisam ser mantidas para a identificação do leitor com o mundo real permanecem na narrativa, contudo o propósito de contextualização dessas figuras desvirtua-se para que o objetivo central da metaficção seja alcançado. A própria representação de Zumbi dos Palmares aparece subvertida em uma composição contemporânea que passa a agregar valores de um novo modelo de sociedade. As aparições temporal e historicamente descontextualizadas de Lampião, líder dos cangaceiros, e de Eusébio de Queiróz, fomentador do fim da escravidão no Brasil, reforçam a linha tênue em que o escritor se coloca para a constituição de um projeto literário que transporte o leitor para um espaço de reflexão próximo de sua vivência.

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Para que se compreenda não só o projeto literário de José Eduardo Agualusa para “O ano em que Zumbi tomou o Rio” (2002), mas também todo seu universo literário é imprescindível que se considere todos os indícios deixados pelo escritor que justifiquem suas escolhas e que coincidam com o objetivo principal da estruturação de sua criação. Sua escrita volta-se não exclusivamente para o sofrimento e a angústia experienciados pela sociedade, mas para a formação multicultural da nação e para o rompimento de fronteiras que separam o mundo ideológica e etnicamente.

Para tanto, o autor coloca-se entre a ficção e a história e conta com o leitor para a construção de múltiplas abordagens a partir das representações por ele produzidas. Conforme Umberto Eco, “numa história sempre há o leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história” (1994, p. 7). Neste contexto, Agualusa pretende que o leitor aceite seu pacto ficcional sem questionar o caráter fantástico e imaginário adotado em sua narrativa e interprete do modo mais próximo de suas expectativas a representação singular do discurso histórico estabelecida por ele.

[...] Qualquer narrativa de ficção é necessária a fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas. Afinal, [...] todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho. (ECO, 1994, p. 9)

Cabe ao leitor-modelo, conceito também devolvido por Eco e satisfatoriamente corroborado por José Eduardo Agualusa, colaborar com o preenchimento dos hiatos deixados propositalmente pelo escritor a fim de que ele tenha, bem como o autor, liberdade para criar possibilidades e conexões a partir da leitura; entretanto leitor-modelo e autor-modelo necessitam participar simultaneamente desse pacto que corresponde a uma troca de arranjos. O leitor apenas conseguirá estabelecer significações múltiplas para a literatura caso o autor expanda os limites de seu universo literário e o estimule juntamente a criar.

“O ano em que Zumbi tomou o Rio” (2002) e o projeto literário agualusiano representam, à luz de Ítalo Calvino, o “romance contemporâneo como enciclopédia, como método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo” (1991, 121), visto que resgata a pluralidade característica do encontro de povos, mesmo que a fusão de culturas, em determinados momentos, não tenha se dado de forma pacífica ou igualitária. O

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

autor propõe a transposição de barreiras que impedem a convergência de culturas e a interação social, utilizando a literatura como representação das relações humanas e deixando livre a manifestação do leitor e “cidadão do mundo” sobre sua composição.

#### **5. Considerações finais**

O artigo reuniu brevemente os principais aspectos históricos vivenciados por Angola, para que fosse possível a compreensão da característica da literatura no pós-independência.

A compreensão das obras de José Eduardo Agualusa demonstra a face multicultural e o reconhecimento da influência dos colonizadores para a formação da identidade dos angolanos. O autor que divide seu tempo entre Portugal, Brasil e Angola, relata em suas obras a realidade desses países de forma crítica expondo os traumas advindos dos processos históricos locais, como o colonialismo, a luta pela independência e a construção do projeto nacional autônomo que, até hoje, afligem as sociedades angolana e brasileira.

José Eduardo Agualusa trouxe ao panorama literário angolano uma perspectiva multicultural em que as personagens se cruzam entre países que sofreram com a segregação característica da colonização portuguesa. Agualusa diferencia-se de escritores angolanos pós-coloniais, pois mantém a narração dos cenários históricos e reflexões sociológicas e políticas de Angola, no entanto seu objetivo transcende os ideais de uma nação. Sua perspectiva transpõe fronteiras culturais e defende uma sociedade marcada pela pluralidade e consciente das demandas de um país construído pela diversidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, J. E. *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

\_\_\_\_\_. O Brasil é colônia: entrevista por Luís Antônio Giron. *Revista Época*. Edição 330, 2004.

ARAÚJO, M. P. N., SANTOS, M. S. História, memória e esquecimento: Implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 79, p. 95-111, 2007.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

BHABHA, H. K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H.B. (Org.). *Pós-Modernismo e Política*. São Paulo: Roxo, 2012.

\_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BRAÚNA, D. *A assombração da história: história, literatura e pensamento pós-colonial*. Fortaleza: Deleatur, 2015.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. de Ivo Barroso. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

CHAVES, R. *A formação do romance angolano: entre intenções e gestos*. São paulo: FFLCH/USP, 1999.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Fiest. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

GEHLEN, R. S. *A face angolana velada pelas letras insubmissas de João Melo*. Conexão Letras, v. 8, n. 9, p. 105-11, 2013.

GRANJA, S. H. V. H. *As teias da palavra: Análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade na obra de Jose Eduardo Agualusa*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3437/1/sofiahelenadevasconceloshortagranja.pdf>. Acesso em: 07/01/2020.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HUTCHEON, L. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: UFSC, 2013.

\_\_\_\_\_. *Poética do pós-modernismo*. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

LEITE, A. M. *Oralidades e escritas nas literaturas africanas: estudos sobre literaturas africanas Portugal*: Colibri, 1998.

MACÊDO, T.; CHAVES, R. *Literaturas de língua portuguesa: Marcos e Marcas, Angola*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.

MATA, I. Um estranho em Goa: viagem transitiva a um Oriente em de-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

manda. *Via Atlântica*, n. 30, p. 131-14, São Paulo, 2016.

VERSTEEGH, P.F. *Memória traumática de Angola: uma análise dos livros de José Eduardo Agualusa, O Vendedor de Passados e Barroco Tropical*. Holanda: Utrecht University, 2012.